



Memórias constitutivas de raparigas sobre relacionamentos amorosos num bairro periférico de Manaus

Deep-rooted memories of girls about love relationships in a suburb of Manaus

Judite Zamith-Cruz, Vilma Mourão
Universidade do Minho.

Resumo

Participaram na Análise de Discurso seis raparigas (16-19 anos), selecionadas por critério de insucesso escolar. Uma das autoras, residente em Manaus - Brasil, realizou entrevistas individuais semiestruturadas e grupo focal. Os objetivos foram intervir numa favela local, conhecendo relacionamentos amorosos e ambições. Ilustrou-se o desejo ficcional como um vínculo literário – *pegar, ficar, namorar sério, noivar...* Sendo as crenças e preconceitos resistentes, se auscultam laços com *gaiatos*, ligadas as falas a *formações discursivas* em que eles sejam desejados provedores e cuidadores. Elas podem engravidar de quem as coloca a optar em favor deles, contra a escola. Se eles *fazem gracinha*, elas tomam-se por passivas e *trancadas*. No futuro, elas ambicionam casar e/ou serem profissionais de estatuto superior. *Palabras-chave:* raparigas manauenses, sexualidades, adolescências, afetos, análise de discurso.

Abstract

In a Discourse Analysis study, six girls (16-19 years old) were selected for structured interviews and a focus group. The objectives were to act in a local slum, exploring their love relationships and ambitions. We can identify a fictional desire as well as a literary bond - *hook up, casual sex, date, engagement...* Beliefs and prejudices are persistent. The speeches are *discursive formations* in which the girls expect their male to be decent men, provider or breadwinner. The girls can get pregnant with those who challenge them to choose between them or the school. If the boys flirt with them, they say to be passive or self-contained. Their future ambition is to marry and/or be professionals of a higher status. *Keywords:* girls from Manaus, sexualities, teens, affections, discourse analysis.

Os objetivos foram os seguintes: (1) um maior entendimento de relacionamentos privilegiados, no que o amor torna extremado o valor da pessoa *especial*, frente a todas as outras; e (2) uma exploração dos futuros a dois, pré-construídos nas *formações discursivas* (FDs) de seis raparigas (16-19 anos),

residentes no Buracão, bairro Antônio Aleixo, que dista 30 km do centro de Manaus - Brasil.

Garantindo-se o anonimato, tornou-se possível aprofundar um *discurso constitutivo* (Lather, 2001, p. 244), por não ser descontextualizado da favela. A exclusão fez-se, quando foi local de residência para antigos doentes de hanseníase/lepra. Hoje, na zona persistem medos mais ligados ao narcotráfico. As famílias religiosas (protestantismo) dependem do Complexo Eduardo Effa, obra do Instituto Transformando Vidas (ITV), entre outras igrejas. Na localidade se acredita no que ajude a superar dificuldades. Perceber o mundo foi também construí-lo nas linguagens em circunstâncias de vulnerabilidade e resiliência, fome e miséria, iliteracia e violência. Sinalizado o Buracão, registou-se o quotidiano nas ruas sem asfalto, com lixo acumulado e poços de água da chuva. Na praça é onde “se chega, *incha* (enche)”. Centro de *paquera*, ao lado da sede policial, é nas noites de fim-de-semana que os meninos são observados “dando em cima delas, sendo elas que têm que ter juízo”. Mais além ficam barzinhos, o Centro Social, o Colégio evangélico (ITV e igreja), duas escolas, o hospital e a Quadra - ginásio desportivo. O Igarapé é um ribeiro, onde fazem praia. Adiante fica o Balneário - clube de jovens.

Na estrutura social em que se habita se encontra a base de crenças, sobre inveja ou sobre amor e sexo, implicadas decisões de adolescentes: o afastamento de amigas invejosas da escola, a *paquera* na festa, o noivado anunciado na igreja ou a separação brigada e persistente. Nas famílias numerosas repercutem-se vidas acidentadas, testemunhadas pelas participantes, cujo “texto” dá conta do “real” que é verosímil. Pais e padrastos tendem a ausentar-se e a abusar de substâncias. Quando se entenda *recategorizar* crenças de “rapariga” e “rapaz”, pensa-se no recurso psicoeducativo como um meio de diminuir diferenças, mediante a substituição de categorias tradicionais de género. A matriz do que seja “bem” ou “mal” *feito*, dito

“alegre” ou “triste”, julgado “adequado” (ou não), tem raiz na comunidade, onde circulam os *galerosos*, adeptos de futebol que frequentam galerias do estádio, entre *metidos* com droga, valentões bonitões.

Método

Exploraram-se as falas de jovens, amplificando-se um dispositivo emocional, valorativo e intersubjetivo (sempre ideológico), para interpretações (Freire, 2014, pp. 38), em que se apreende a abordagem semântica de Michel Pêcheux (1997a), de acordo com uma marcada heterogeneidade conceptual, presente no *corpus* (Authier-Revuz, 2004). Defende-se que a pesquisa psicossocial nem somente se apoia na extração de um sentido preexistente nos discursos e nas práticas, mas abrange uma recriação (sub)cultural, como na abordagem construtivista (Mahoney, 1991), em que se recriam memórias pessoais e episódios de vida.

Participantes

O grupo de estudo contou com seis jovens, assumidos nomes alusivos a uma imaginária constelação: 16 anos (Esmeralda, Sol e Júpiter); 18 anos (Girassol e Estrela) e 19 anos (Lua).

Procedimento

A seleção das meninas passou por nenhuma frequente a “série de ensino”, correspondente ao nível etário. Utilizaram-se duas técnicas de recolha de dados/textos, com certas palavras *in vivo*, colocadas em itálico: entrevista semiestruturada (Cohen, Manion & Morrison, 2007, pp. 374-376) e grupo focal (Minayo, 2004), em sintonia com *conceitos-análise*, explicitados por Freire (2014, pp. 18-19), uns *a priori* e outros *a posteriori*, derivados de observação direta e reflexão sobre textos. Primeiro, circunscreveram-se sete *conceitos-análise*: o que elas afirmam deles; contextos familiares; adolescências; educação sexual (familiar e escolar); relacionamentos amorosos; *bons* encontros; e futuro ambicionado. A seguir, cingiram-se dois *conceitos-análise a posteriori*, adiante destacados: *bons* e *maus* relacionamentos e futuro sonhado para dois.

Resultados e discussão

De antemão se assume que a faceta transdisciplinar traçada na Análise de Discurso permite auscultar a interdição de sentidos, em facetas da vida nem claras nem opacas. Quando a maquinaria comunicacional é posta em marcha, ressaltam discursos *travessos* (Pêcheux, 1997a, p. 314). Onde, a pessoa se (tres)passa no *outro*, pulado o autocontrolo, no que escapa a si mesma (pp. 316-317). E na sua descentração, inclusive as investigadoras atribuem a *outro* um papel central nos seus discursos.

O *conceito-análise* 1 - relacionamentos *bons* e *maus* - introduz a ficção *vivida* – *pegar, ficar, namorar (sério), noivar...* Na iniciativa amorosa e sexual, primeiro foca-se a *gíria* e o *calão* da idade, seguindo-se as características de parceiros, rejeições (ou não) de namoros por mães e alterações de amizades juvenis.

Com Esmeralda, quando seja dito por si “azarar”, é porque “não tem nada” de relacionamento amoroso. Ela

e outras ficam circulando na galhofa, *azarando* pela praça fora... As mais ousadas no *flertar*, passam a *pegar* por olhá-los, divertindo-se. Esmeralda refere seis namoros, desde que passou a *ficar*, com 11 anos, nos encontros sexuais sem compromisso, com garotos da escola e do bairro. Aos 13 anos, o namoro já era para *transar*: “Ele era meu colega na escola e eu gostava muito dele e ele de mim... Fazíamos muitas loucuras... Tenho saudades desse tempo...” Fugir da aula para *transar* era quando iam para o quintal da casa dele. Bem distante, “íamos até *pro shopping escondido...*” Passaram a andar *grudados* (o que Júpiter referiu do seu namorado). Para Esmeralda era *gostoso, legal!* O namoro acabou porque a mãe não gostava dele, achando ser *metido com droga*, se bem que era o seu irmão que no *negócio*. “Mas, minha mãe não quis saber e eu achei melhor terminar”. Foi bem diferente o contacto com o pai do filho que vai nascer, mais velho e profissional de mototáxi. O primeiro olhar disparou quando ele veio trazer a mãe a casa na sua motocicleta. Fixou-a e seguiu-se que a ficou cercando. No começo, a menina não gostava dele. Se ele queria *transar logo*, ela não. Mas certo dia ele assegurou-lhe tratar-se da ameaça final: se ela não o quisesse para *transar*, ele não queria mais vê-la. Aí ela foi com ele mesmo e engravidou há 7 meses, contando logo à mãe: “*tava* com medo, mas contei... ela perguntou de quem era e disse que *nós* daríamos um jeito, que ela ia me ajudar e me apoiar”. Na época da entrevista, Esmeralda estava muito *chateada* com o pai do neném por nascer, na medida em que ele diria não ser o progenitor. Entretanto, a mãe aconselhou-a a deixá-lo de lado, porque ela própria “vai ser o pai e a mãe do bebê”, o que a deixa *triste*. Às vezes, tem até “vontade de fazer uma besteira... pensa em se matar mesmo, sumir por aí... - *Tô* com ódio dele!” Esmeralda está certa que o *cara* sabe ser o pai e desejaria obrigá-lo a realizar um teste de paternidade e a registar o filho na Defensoria Pública, porque isso - pelo menos - o seu pai fez consigo. A *família* não quer: a mãe prefere que ele desapareça da sua vida.

Por seu lado, Sol nunca namorou e não pensa fazê-lo a *sério* até aos 18 anos, quando terminar os estudos, dentro de dois anos. No mais tardar, nem se importa de só namorar na faculdade, tendo agora que pensar e cuidar da sua mãe grávida. Depois de nascer o irmão, Sol terá tempo para namorar, mas receia imenso se *machucar*, na medida em que “no bairro só tem garoto apresentado”, na *gíria* para o que é “mulherengo”, “malandro”, “oferecido”, “intrometido” e ela não gostar de *gente gaiato*. Em contraste, o rapaz *legal* é *respeitador*, não trai, quando a maioria seja *safado*.

Também com 16 anos, Júpiter não contou à mãe, quando começou a namorar no ano anterior à entrevista e apanhou *muita porrada*. A mãe bateu-lhe e queria denunciar *seu ex-*. Fez confusão, sendo mais *esquentada* do que o pai, que percebeu que a virgindade não voltava. Depois arrependeu-se, porque não estava *preparada*. Mas aludiu a *envolver-se*, quando seja intenção sua *aprofundar-se* e ficar mais ativa. Mas com o seu segundo namorado, ainda não sentia vontade de fazer *nada* nos atos sexuais. Outro modo de *abrangência* ou envolvimento foi quando, depois de

conhecer um garoto, ficou atenta ao seu modo de *cuidado*: a forma como ele *a transferia*, num toque diferente, numa *pegada* ousada... Logo com outro, Júpiter viu um traidor e desconfiado. Saíam muito e era bom, na época em que “a mamãe *tava* meio separada do papai, mas *tava* começando a voltar”. Ficaram ainda juntos no namoro, na primeira vez que já se sentia *mulher* e ele foi o *primeiro homem* da sua vida. Ele tinha cuidado para ela não engravidar, mas já era mais assim desligada... “tanto faz [ter período como não], se vim [vier], veio; se não veio [a menstruação]...” Já se sonhava grávida. E pensava que em qualquer relação iria engravidar. “Era tipo um [ponto] psicológico”. Mas Júpiter nunca foi assim *enxerida*, desinibida para namoro. Aproximou-se do supergaroto num carnaval, por uma colega que se tornou mesmo uma amiga. *Aí* ela confessou a si própria: “Eu quero! Eu quero!”. Eles foram, conversaram e ficaram: “Foi ficando, foi ficando, que agora o lema é esse, *né?* Só ficar, conhecer assim ficando junto. Mas quando passou assim um mês, a gente *tava* muito bem, mas ele me traiu”. Ela já nem o queria ver mais. Nesses dois anos era o encontro brigado, lutando por tudo e por nada. Ela era muito ciumenta, por ser *muito infantil*, ainda *sem saber das coisas* e estava ali para *aprender*. Então se identificava com ele, assim no ciúme e fervia. E tudo que ele lhe fazia, ela ficava furibunda de raiva, queria terminar. Até à época do presente diálogo não têm mais nada. Terminaram mesmo na semana *retrasada* à entrevista e ele já *a bloqueou* (no telemóvel), sem deixar de a acusar que ela só fez *enganar ele*, essas coisas... Discutiu muito consigo, mas reatavam. *Aí* ficou esse clima de *pendenga* por desconfiança. Ele temia ser enganado por ela e ela por ele. Foi quando ela *pegou*, foi deixando. Embora falasse que vai continuar *gostando* dele, vai *deixando ele* aos poucos.

Com um filho de dois anos, aos 18 anos, Girassol repetiu nem ter tido “muito namorado”. Rejeitou a tendência a “contabilizar” os rapazes. Além do *seu ex-*, o primeiro namoro da escola durou dois anos:

“Eu falei *pra* ele que *tava* na igreja [Igreja Presbiteriana do Brasil] e minha mãe não aceitava. Mas *aí* eu falei *pra* minha mãe que *tava* gostando dele e ela mandou ele vir aqui [a sua casa]. *Aí* eu levei ele lá e ele pediu *pra* namorar comigo. *Aí* a gente ficou namorando assim. Mas manter relações [sexuais] com ele, nunca! Até porque eu ainda tinha medo.”

Foi a mãe que acabou, porque “falou *pra* ela [se] separar”, apercebendo-se das amizades dele. “*Aí* eu separei” e ele se sumiu. Já o encontro com o pai do seu filho ocorreu aos 14 anos, ficando juntos por três anos. Durante cerca de uns 9 meses não tiveram sexo vaginal, porque ela ainda teria muito medo, porque “a minha mãe fazia muito medo”, dito que falasse *um monte de coisa* de religião. Foi preciso engravidar e ter o neném, para se *amigarem*, aos 16 anos, tomando-se por *esposa*:

“E meu namorado mesmo é esse que foi meu marido, esposo. *Aí* depois passaram uns anos [desde

o primeiro namoro proibido] e eu conheci esse outro *aí*. *Aí* a gente *passemo* [nós passamos] a namorar... Agora essa questão de muito namorado eu nunca tive, não!”

Com a reprovação na escola, Girassol deixou de estudar, parou por ter um bebezinho. Era-lhe difícil ir a aulas e deixá-lo. Continua a ficar em casa, ajudando a senhora sua mãe, quando acredita ser um *erro* ter engravidado, contra o que esta lhe recomendou. Tem um mês de separados e “*aí* a mamãe falou: ‘eu bem que avisei tanto *pra* ti...’”. A mãe chegava a relatar-lhe facetas da sua vida, mas *aí* não deu ouvido e “agora tenho aqui meu filho...” Contrariando o que afirmou, asseguraria adiante: “Eu não me arrependo, não! Nem tenho raiva do meu ex-marido”. O final de *noivarem* precipitou-se, acusada “uma *ex- dele*”, que começou a *rodeá-lo*, mãe de 2 filhos. Ela sabia que ele não estava só. Viu que “a gente *tava* bem e começou a cercar, a cercar...”. Primeiro, ele ficou com a *ex-*, assim meio escondido até de madrugada. Girassol já sabia, mas não é de ficar fazendo confusão. Permanecia sempre *na sua*, sem sair muito de casa. Separaram-se, afinal, porque *é assim que funciona*: só *noivemos* mesmo, não chegando a casar como o previsto, no Natal, porque o *negócio* aconteceu. Entretanto, não deixou de haver bulha, porque “*fiquemos* [ficámos] brigado, separado [já separados]”. Girassol nem o mandou embora nem lhe implorou para ficar consigo. Foi o seu pai a ficar *danado* com ele, nem o deixando retornar ao lar. A mãe é que se meteu e *fez ele* permitir o reencontro: “Foi um *perrengue* [dificuldade]. Papai é esquentado, iracundo [facilmente irado], a gente *dizemos* [diz] que ele [o pai] é um pé de pimenta: tocou, ardeu! *Tá* todo errado, acovardado pelo que fez”. Aquando da realização do grupo focal, o par já se reatou e é uma *beleza*. Ela está *bem*, já que o quis de volta e é viver *como uma família mesmo*. A menina chega a *dar graças a Deus*, porque *está dando certo*. Mas o companheiro precisa de um emprego *fichado*, formal, porque *as coisas são difícil*. Afinal, Girassol só deseja mesmo é não ter emprego fora, cuidando dos filhos, das coisas da família e da igreja evangélica: “Disso eu gosto, de ir *pra* igreja e essa [igreja] que *tô* agora [abandonada a Assembleia de Deus] é maravilhosa!”

Noutro encontro inesquecível, com a idade de 11 anos, a mãe de Estrela proibiu-a de namorar, para não ser falada no bairro e acusada de “*má*” educadora:

“Me lembro que até o papai quis se meter, mas a mamãe colocou ele no lugar dele. Ela disse logo *pra* gente: ‘[seu pai não] tem que se meter em nada! Agora que fique *pra* lá com sua bebida! [É] Por isso que ela diz *pra* gente se comportar, *pra* ele não ter o que falar dela. Já pensou se acontece uma asneira com a gente? Ele vai dizer que ela não criou direito a gente!’”

Mas namoraram dois anos e Estrela deixou-o, por *não dar certo*. Ele era muito de querer ficar junto, morando distantes. Ela era “obrigada” a faltar muito à escola, porque ele queria que ela ficasse lá na casa dele ou na

sua casa. Mas *essa é outra história...* Era muito nova e ele também. Também não esquece aquele *flert*, aos 13 anos, mesmo bem breve, sem namoro e sem ficar junto, porque era ainda *paquera*. Só depois veio um namorinho de que ainda se ri, conhecendo-se no arraial. Ela namorava outro da escola e residiam perto. O gaiato do arraial tinha mesmo ciúme, pelo que *não deu certo*. Só incomodava. Namoraram mais de um ano, cerca de dois, dos 13 aos 15 anos. No começo era *maravilha*, a mamãe gostava dele. Iam até Ponta Negra, nunca sós. Saía com os colegas dele, ia lá para o shopping, ou ia para casa dos amigos dele e o irmão dele tocava violão. Acabou também por saídas proibidas e religião não professada:

“Ele era respeitador. Às vezes vinha com as coisas de querer umas saliências [carícias mais ousadas], coisa de homem mesmo. É [Somos] nós [mulheres] que tem [temos] que segurar a onda, *né?* Como ele não era da igreja [evangélica], ele gostava muito de sair. A mamãe não deixava eu sair. Foi ficando *chato*, só briga, só briga... O tempo todo *tava* assim, mas eu gostava dele. Acho que a gente deveria ter namorado agora. Agora os dois *tem* [temos] mais juízo. *Começamos* muito cedo.”

Quando lidou depois com o rapaz ciumento, Estrela acredita que *não deu certo* por ser um garoto *muito menininha*, se bem que se divertisse mais. Até que ele foi para a faculdade, trabalhando e mudando. Deixou de lhe dar presentes, de enviar mensagens e de fazer agrados, no que Estrela depreende ter arranjado outra namorada. Mas se antes estavam sempre juntos era porque ele assim a controlava e nem as suas amigas suportava. Era *legal* e foi *maravilha* até “encher o saco e ficar com ele só de birra”. Ele queria logo *transar* e ela nunca quis.

Por último, Lua nunca *ficou*. Não gosta mesmo de rapaz muito brincalhão, muito gaiato. Nem *flert* quer, se bem que já o experimentou: “Até *paqueiramos* um pouco, mas não deu certo. Foi logo que completei 15 anos”. Era naquela fase de *paquera* que era ainda mais tímida. Ela era muito presa, quando os irmãos sempre faziam uma vigilante danada. Os *malandros* ficariam mais tímidos também com ela, sempre tão envergonhada. Segundo acredita, é difícil os meninos aproximarem-se de si, porque *fica na sua*. Convence-se que nem ia *dar certo*, nem sendo ela a assumir o namoro. Lua separa as meninas dos meninos ainda da seguinte forma: elas são *tímidas* e eles *mais soltos*. Ela quer é ficar longe de confusão: “Tenho medo de me envolver e sofrer, porque tem meninos que querem só ficar junto, *amigados* o tempo todo. [Sendo possessivos e ciumentos], afasta a gente da nossa família, dos amigos...”. Bem fundo, Lua acaba por assumir não namorar, porque “não bateu aquela paixão ainda”. Mas houve um gaiato de quem até gostou: “Ele era bem *legal*, calmo, mas não agrada tudo...”.

O *conceito-análise 2* - futuro sonhado para dois – reflete que elas ambicionam estudar, casar (*dar certo*), ter filhos. A maioria deseja ter um curso e emprego. De momento frequentam as aulas, com a exceção de

Girassol, que concluiu a 6ª série. As outras desejam alcançar uma posição socialmente valorizada, com limitado realismo: enfermeira, veterinária, advogada, administradora e médica.

Entretanto Esmeralda sonha voltar a ser *feliz*, como quando aos 13 anos tinha o primeiro namorado. Pensa ter uma forma de trabalhar e cuidar do filho, quando a mãe montar um comércio de comida ou de mercado, no bairro. Esquece a enfermagem? Sol gostaria mesmo era de ter um reencontro com o seu pai. Júpiter aspira a ter um neném que a mãe venha a cuidar. Enfim, Girassol anseia ter um marido, aceitante do seu filho e que saiam juntos para se distraírem *um pouco*, sendo que ambicione ser *alguma coisa na vida* e a gravidez precece estrague o sonho. Todavia, Estrela deseja *casar virgem*, porque “quando a mulher faz sexo sempre, sempre, não rola casamento”. E se pode rolar namoro? “Os homens querem, insistem e depois largam a garota, que essa é a moda!” Lua somente deseja tornar-se médica.

Por conseguinte, foram evidenciadas *formações discursivas* (FDs), que são “invasões por fragmentos, que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs)” (Pêcheux, 1997a, p. 314): das falas maternas poderosas ao sermão no círculo religioso. A análise espelha FDs que se “representam na ‘linguagem’ por formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 1988, p. 161). A ideologia dominante impõe a discriminação de gênero e a submissão delas. Porpícia a identificação com a autoridade da mãe em casa, a idealização do garoto fiel, respeitador e trabalhador, a improvável ascensão socioeconômica “emancipadora”.

Mas se a vida *pertence* a quem a vive, elucidado em Lídia Jorge (1998), em *O Vale da Paixão*, a pessoa a vai percorrendo nas suas andanças, por farrapos de lembranças de espaços e tempos, de pessoas e acontecimentos. Importa que dela se aproprie e encontre *uma maneira de a relatar*, sem ficar refém de contingências.

A vida é perpétua recriação. Da dispersão dos lugares de enunciação ao que no linguajar se salienta e revela, a congruência da pessoa ganha inteireza, mas na *pegada* se auto engana. Afeta ver exacerbado o que não se controla/domina. No perigo que excita ou ameaça, somente duas jovens gostam do Buracão, partindo de experiências e conselhos sussurrados por mães. Contra o antecipado, não se identificaram sinais psicopatológicos, associados a gravidez precoce. No cotidiano, escapam-lhes as influências educativas na escola e nos *media*.

Colocada a pertinência da palavra, importa firmar a abordagem biopsicossocial esclarecida, em que toda a menina se confronta com o primeiro *afrodisíaco* - testosterona, a que se torna sensível. O segundo, a adrenalina, prepara-a para reagir na paixão, ligada a neurotransmissores. Despertado o desejo do *outro*, se apaixona por efeito da *intoxicação* bioquímica. É a “hormona da paixão”, a feniletilamina (PEA), que manda bater do coração. Liberta-se no cérebro noradrenalina e dopamina e, logo no súbito arrebatamento, a ansiedade e a emoção custam a abrandar. Essa pacificação dá-se com neuropeptídeos

(vasopressina e oxitocina) no afeto continuado. Pode acentuar-se então que, se a paixão e o amor não têm sede na “razão”, pode ser empregue a psicoeducação para fomentar saberes de reciprocidade. Por exemplo, deve-se ajudar o namorado a ajudar-nos e não a magoarnos. Se o apaixonado nos faz “um favor”, retribuí-se a atenção, embora a dívida possa não ser eterna. Aliás, pode ensinar-se o rapaz que a generosidade, nos relacionamentos íntimos prolongados, não sustenta a noção de “dívida de gratidão”, de dever/obrigação. Afinal o amor nem significa “gostar muito”. Gosta-se de piza e ama-se a pessoa. Amor implica um real partilhado; desejo é a sua criação ficcional. Acresce que o sexo seja cultural, não natural como em outras espécies, dominadas pela reprodução. Aliás na pessoa com “problemas” sexuais estes raramente são biológicos. Donde, reproduzir-se (*fabricar* homínídeos) seja um ato natural; mas criar pessoas e cidadãos é parte da cultura. Uma outra questão cultural é o rapaz ser *menininha*. Não será um jovem *galeroso*. Por que se é atraída por quem menos convém? De novo, é preciso dizer que os sistemas morais e educativos nos puseram de sobreaviso contra *marginais*. Mas há quem nem convém e se integre, para logo levantar voo, antes da rota de colisão e já sem tempo para manobrar a relação.

Constatou-se que o amor ligou as falas a FDs, entendidas tradicionais e patriarcais, em que o homem desejado seja provedor (de bens), bem como responsável e respeitador, educado na fidelidade. Se for “moderno”, cuidará “bem” dela no prazer e na companhia *legal*. Todavia, do ponto de vista social, nem só no Buracão, “a primeira vez” de uma experiência sexual vaginal pode ser “traumática”, “problemática/negativa”. Quem o tema pode esquecer a primeira vez em que agimos como seres sexuados. Não foi aos 11 anos. Estávamos *ainda na fralda* e sem memória consciente. Explorávamos órgãos genitais incipientes.

E para quê “contabilizar”? Com que maiores custos, nem em casa nem na escola se aprendem assuntos de paixão, amor, agir com sinceridade e *bom coração*? Sem recurso a métodos contraceptivos, as repercussões do desconhecimento implicam gravidez precoce, insucesso escolar e instabilidade na dinâmica socio emocional e familiar. “Mas afinal qual é mesmo o problema sexual?” Para o entender, formula-se uma comparação lógica entre um silogismo e o valor “negativo” conferido a sexo: se A é igual a B e B é “mau”, então A é “mau”. Mais se explícita (Zamith-Cruz, 2010): somos constitucionalmente seres sexuados, com múltiplas práticas culturais. Se uma relação é “má”, então o sexo é “mau”? Esse é o problema sexual: a experiência sexual “positiva” ou “negativa” (como outro tipo de experiência significativa) condiciona as experiências seguintes.

Referências

Authier-Revuz, J. (2004). Entre a transparência e a opacidade: Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.

- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education* (6th ed.). London, United Kingdom: Routledge.
- Freire, S. (2014). *Análise de discurso: Procedimentos metodológicos*. Manaus, Brasil: CensurED.
- Jorge, L. (1998). *O vale da paixão*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Lather, P. (2001). Validity as an incitement to discourse: Qualitative research and the crisis of legitimation. In V. Richardson (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 241-258) (4th ed.). Washington, DC: American Educational Research Association.
- Mahoney, M. (1991). *Human change processes*. New York, NY: Basic Books.
- Mínayo, M^a (2004). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. (8^a ed.). São Paulo, Brasil: Hucitec.
- Pêcheux, M. (1988). *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* (2^a ed.). Campinas, SP: Unicamp.
- Pêcheux, M. (1997a). A análise de discurso: três épocas. In F. Gadet, & T. Hak (Eds.), *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp.
- Zamith-Cruz, J. (2010). *Educação e sexualidade*. Braga, Portugal: Associação de Escolas Braga-Sul.